

Washington Irving e a misoginia suspeita de
The Legend of Sleepy Hollow em disputa¹

Gustavo Vargas COHEN²

Resumo

Se a produção literária é, de fato, sintomática de sua cultura vernácula, o que a misoginia nas obras mais célebres de Washington Irving tem a revelar sobre os primeiros americanos? O objetivo da presente investigação é sistematizar estruturalmente e discutir, de maneira introdutória, a descrição das personagens Katrina Van Tassel e sua mãe, a Sra. Van Tassel, na obra *The Legend of Sleepy Hollow*. Os reflexos históricos, culturais, teóricos e bio/bibliográficos explorados informam as fundações que servem de base para a sistematização proposta. Conclui-se que a hostilidade dedicada às mulheres no texto de Irving em análise não é proveniente da descrição narrativa das duas personagens sob escrutínio, e sim de outras passagens onde existem referências diretas ou indiretas sobre mulheres.

Palavras-chave: Washington Irving. Misoginia. *The Legend of Sleepy Hollow*. Crítica historiográfica.

Introdução

Se a produção literária de uma época é, de fato, sintomática de sua cultura vernácula, então o que a misoginia nas obras mais célebres de Washington Irving tem a revelar sobre os primeiros americanos? Sabemos que o nova-iorquino de ascendência anglo-escocesa Irving (1783-1859) está, atualmente, fora da maioria dos currículos e das discussões contemporâneas tanto da Academia americana quanto da mundial. Motivos para isto não são difíceis de discernir. Algumas obras literárias permanecem frescas e atuais com a passagem do tempo e amadurecem tornando-se elegantes e sofisticadas através dos anos. Outras se tornam ultrapassadas e não comunicam ideias relevantes ou sequer atraentes para as próximas gerações de leitores, tornando-se difíceis de digerir dado o seu conteúdo por vezes ideologicamente retrogrado, i.e., racista, machista e/ou demasiadamente politicamente incorreto. Algumas obras de Irving têm a virtude, para o bem ou para o mal, de possuir ambas

¹ Este trabalho é uma adaptação da comunicação oral apresentada na X Semana de Letras PUCRS - 70 Anos: A FALE FALA ocorrida em 2010 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, RS.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul na especialidade Literaturas de Língua Inglesa.

as características. De acordo com Charles Warner: “the taste for the leisurely description (...) of [Washington’s] ‘Sketch-Book’ does not characterize the readers of this generation” (2004, p. 57).

A sensível e pudica Academia norte-americana atual considera sua prosa “impossivelmente anglófila” (WEINSTEIN, 1997). De fato é possível observar que muitas de suas narrativas possuem tons europeus e frios, e não o dinamismo e a pungência da prosa marcadamente americana da época (como a encontrada em Thoreau ou em Whitman) e que encontrará seu expoente mais ilustrativo em Twain. Não é surpreendente, portanto, que, já há algumas décadas, Irving esteja ausente das principais discussões literárias acadêmicas de seu país. Muitos dos temas abordados em sua obra estão deveras ideologicamente distantes dos interesses em voga nas universidades do mundo ocidental envolvidas em pesquisa de cunho crítico-literário, quais sejam narrativas de grupos ditos minoritários, como a de negros, de populações de fala espanhola, de índios nativos americanos, com destaque para a narrativa produzida por mulheres. Por outro lado, os textos de Irving estão imbuídos de uma grande riqueza no que diz respeito à descrição da vida em uma América jovem, em um período de crescimento e mudança de incrível velocidade, especialmente movida e motivada pelos povos que para lá imigraram e pela determinação que trouxeram consigo:

If in the multiplicity of books and the change of taste the bulk of Irving’s works shall go out of print, a volume made up of his Knickerbocker history and the legends relating to the region of New York and the Hudson would survive as long as anything that has been produced in this country [The United States of America] (WARNER, 2004, p. 57).

O presente trabalho apresenta os resultados adaptados de um procedimento de coleta de dados conduzido com a intenção de agrupar, organizar e sistematizar informações referentes aos mecanismos de criação fictícia de personagens femininas nas obras de Washington Irving. O texto selecionado para compor o *corpus* desta investigação é um dos contos mais célebres do autor, *The Legend of Sleepy Hollow*. A história é originalmente publicada, de maneira seriada, na coletânea de contos intitulada *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.* entre 1819 e 1820 e está entre os exemplos mais antigos de literatura americana ainda lidos na atualidade. É também, juntamente com *Rip Van Winkle*, um dos contos mais antologizados e, como consequência, com maior tempo absoluto de publicação ininterrupta, e que permeia o imaginário dos povos de língua inglesa e do mundo há quase dois séculos.

Informações históricas, culturais, teóricas e bio/bibliográficas foram pesquisadas com o intuito de construir as fundações que servirão de base para a sistematização proposta,

dividindo esta apresentação em basicamente em duas partes. A primeira traz dados relevantes sobre a vida, a obra e a época de Washington Irving no intuito de ajudar, em parte, na compreensão do posicionamento ideológico do escritor frente à questão da representação do feminino em sua criação literária. Tal posicionamento é tratado como critério diretor da logística por trás da construção fictícia, via narrativa, das personagens Katrina Van Tassel e sua mãe, na obra *The Legend of Sleepy Hollow*. A segunda parte traz definições para os termos operacionais e para os demais conceitos de natureza teórico-metodológica. A terceira parte é dedicada à apresentação dos dados coletados visando demonstrar as características temáticas mais comuns utilizadas por Washington Irving quando da criação das personagens selecionadas para objeto de escrutínio. Hipotetiza-se que a compreensão dos mecanismos narrativos selecionados pelo escritor auxilie não só na interpretação das obras, mas também em uma melhor visualização da ideologia referente a gêneros difundida no início histórico dos Estados Unidos.

O autor e seu contexto

Washington Irving nasce em 1783 na cidade de Nova Iorque, no momento em que o seu país tinha apenas sete anos de existência. Em comparação com os célebres escritores da época, nota-se que são praticamente seus contemporâneos. Irving é seis anos mais velho que James Fenimore Cooper, aproximadamente vinte anos mais velho que Ralph Waldo Emerson e que Nathaniel Hawthorne, trinta e seis anos mais velho que Herman Melville e que Walt Whitman; Irving é, de fato, um dos primeiros grandes contadores de histórias dos Estados Unidos. Aquiesce-se que houve produção literária relevante antes dele, porém nenhuma com tamanho reconhecimento histórico e longevidade, ambas legitimadas ininterruptamente tanto por público leitor quanto por crítica; a exceção seria, possivelmente, Benjamin Franklin.

Sua obra mais reconhecida mundialmente é *The Legend of Sleepy Hollow*, que no mundo lusófono geralmente recebe o título de *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*. É uma história de terror anterior às histórias de monstros de hoje em dia. O Cavaleiro Sem Cabeça permanece como figura lendária e representativa do imaginário fabuloso de praticamente todas as gerações que sucederam sua publicação, especialmente, porém não exclusivamente, em seu país. Irving tem uma carreira bastante cosmopolita e internacional e aprende muitos idiomas; torna-se fluente em alemão, francês e espanhol. Mora na Europa, ocupa posições diplomáticas importantes, conhece pessoas importantes de sua época, como o escritor inglês

Walter Scott – a grande figura literária britânica da época –, faz contato com personalidades influentes em Washington, D.C. e é amigo dos ricos e poderosos, dentre eles destaca-se Martin Van Buren e John Jacob Astor (WEINSTEIN, 1997).

Na vida real, através de evidências documentadas, sabemos de determinadas colocações de Irving que revelam seu posicionamento ideológico frente às mulheres. Em uma carta enviada em outubro de 1817 a Henry Brevoort, um de seus melhores amigos, Irving escreve congratulando-o pela ocasião de seu noivado, no entanto, comenta que o casamento é o sepultamento da intimidade dos solteiros (TRAISTER, 2002). A alienação frente a deveres conjugais e familiares marca indelevelmente a vida e a obra de Irving. Certa vez, o autor foi descrito como um doce e velho solteiro levemente tocado pela sombra de um amor perdido (HEDGES, 1965) o que em parte explica, porém não necessariamente justifica sua posição perante o sexo feminino. Quando Irving descreve encontros românticos em sua ficção, eles são desesperados, convenientes e picarescos (WARNER, 2004). De acordo com William Hedges, Irving “parece ser um tipo complicado de americano, extremamente ambivalente, apreensivo, inquieto, e de certa maneira, solitário (...) dividido entre atitudes românticas e clássicas, incerto do papel e da função de um escritor em uma sociedade comercial” (In: DOWNES, 2002, p. 219, tradução nossa).

Termos operacionais e aporte teórico

É importante ressaltar que na presente investigação conceitos de misoginia e suas ramificações e repercussões *para* os estudos literários e *nos* estudos feministas históricos ou contemporâneos não estão entre os focos de atenção. A definição do termo aqui utilizada é no sentido mais amplo e geral, aquele que transmite a noção androcentrista, i.e., a crença fundamentada na inferioridade da mulher e a desconsideração do valor das experiências femininas perante o ponto de vista masculino.

Sabe-se que uma explicação para tal hostilidade possui diversas vertentes, dentre elas *fatores culturais*, que são muitos e possivelmente se apresentam como os mais prováveis; porém certamente não os únicos, visto que *fatores religiosos*, influenciados pela histórica denegrição ou difamação do sexo – de origem cristã, judaica ou grega – resultam em *fatores sociais*, estes resultantes da tentativa de manutenção do sistema patriarcal; e, por fim, em *fatores econômicos*, encorajados não só pelo medo de que as mulheres atinjam a independência financeira do homem, mas que os ultrapassem em posições de poder

(ROGERS, 1968). Irving se preocupa também com a feminilização da política e utiliza como arma seu posicionamento contrário a liberdade de voto da mulher (DOWNES, 2002).

Sleepy Hollow

A *Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça* conta a história de uma América que está à margem dos ruídos provocados pelo crescimento e pelo progresso. Trata-se da narrativa das desventuras de uma pequena colônia holandesa propiciamente chamada de *Sleepy Hollow*. Sua toponímia nos conduz à ideia de um ambiente sonolento e de características oníricas, por ora imaculado pela energia e atividades incessantes do progresso. As primeiras linhas do conto geram no leitor impulsos inconscientes de dicotomias como o barulho do exterior *versus* o silêncio da cidadezinha, a vida na cidade *versus* a vida no bosque e, finalmente, a ciência que se desenvolve nos centros crescentes *versus* a imaginação quase religiosa dominada por mitos e lendas ainda prevalente nas mentes conservadoras de seus habitantes. É neste cenário propício para o romance que se constrói a sensação ideal para a crença no sobrenatural. A história se passa *circa* 1790. Seu protagonista, Ichabod Crane, é o homem das Letras do local, *a man of letters*; é professor e diretor de uma escola, o *schoolmaster*; e é também o detentor do conhecimento – inclusive da ciência das bruxas na melhor tradição de Cotton Mather – além de ser um exímio contador de histórias. Sua aparência é grotesca e caricatural – muito diferente da do personagem estrelado por Johnny Depp no filme de Tim Burton, *Sleepy Hollow*, de 1999 – e é excessivamente magro. Quando come, o que faz em grandes quantidades, tem os poderes de dilatação de uma anaconda – uma descrição nada lisonjeira. Ichabod quer casar com Katrina Van Tassel, a filha de 18 anos do fazendeiro poderoso Baltus Van Tassel e primeira figura principal da presente análise. Ichabod possui um rival chamado Abraham Van Brunt, conhecido na cidade como Brom Bones, um homem destro e sagaz – um *rough* no estilo Walt Whitman. A lenda, da qual o título da narrativa se refere, remete à figura de um cavaleiro sem cabeça, um soldado hessiano – membro de tropas alemãs que lutaram na guerra de independência americana – que perdeu a cabeça como resultado de uma bala de canhão em uma batalha anônima na guerra revolucionária. A lenda reza que o cavaleiro aparece à noite, a cavalo, em busca de sua cabeça. Diferentemente de muitas de suas adaptações, no texto de Irving há apenas uma interação entre Ichabod Crane e o legendário cavaleiro, que se dá conforme descrito a seguir.

Certa noite, Ichabod saía de uma festa na casa dos Van Tassel quando se deparou com o dito cavaleiro, que o persegue e, finalmente, atira a sua própria cabeça, que colide com a de Ichabod tirando-lhe a consciência. Nos dias que se seguem, não se houve falar de Ichabod e, mediante uma busca organizada pelos moradores, tudo que encontram no percurso da perseguição é uma abóbora. Embora Ichabod desapareça e Brom Bones, ao final da narrativa, se case com Katrina, conclui-se que Brom Bones pode ter vencido a batalha – e ficado com a *mocinha* – mas Ichabod vence a guerra, pois é dele, e de sua interação com o cavaleiro, que surge a lenda em que permanece vivo até hoje.

Irving, enquanto narrador, por intermédio ou não de seus personagens, demonstra consciente ou inconscientemente alguma hostilidade em relação às mulheres. Esta hostilidade deve ser medida com cautela antes que o rótulo de misógino seja atribuído indiscriminadamente. Nota-se que o primeiro adjetivo usado para descrever Katrina é *blooming* – usado no sentido de descrever uma jovem que está despertando para a vida (adulta), mediante a comparação com uma flor que ‘desabrocha’. Esta primeira descrição em si mesma não carrega necessariamente uma carga semântica negativa ou positiva, não obstante, conduz o leitor à impressão de ser simplesmente uma declaração ou descrição de um fato da vida da jovem. Logo após a primeira visita que Ichabod faz a fazenda dos Van Tassel, onde ocorre seu primeiro encontro com Katrina, o narrador comenta que ele [Ichabod] tem um coração suave e tolo no tocante ao sexo feminino e que, por isto, não é surpreendente que tão tentadora dama tenha encontrado favor perante seus olhos. A mesma jovem, talvez por causa de sua condição *desabrochante*, passa a ser *tentadora*. Esta tentação mais tarde será motivo para escárnio por parte do narrador que, mesmo elusivamente, se coloca ao lado dos homens: “Oh these women! these women! Could that girl have been playing off any of her coquettish tricks? – Was her encouragement of the poor pedagogue all a mere sham to secure her conquest of his rival? – Heaven only knows, not I! – (IRVING, 1979, p.33-34).

Irving mantém o ataque aos sexos equilibrado. A sequência do primeiro comentário sobre Katrina, o narrador explica que o despertar de interesse de Ichabod se intensifica logo após sua visita à *mansão paternal* dos Van Tassel, o que pode ser visto como impulsor de um interesse não tão nobre quanto o romântico, isto é, o interesse financeiro pelas posses da família da menina. O excerto do texto original, a seguir, corrobora este balanço:

From the moment Ichabod laid his eyes upon these regions of delight, the peace of his mind was at an end, and his only study was how to gain the affections of the peerless daughter of Van Tassel. In this enterprise, however, he had more real difficulties than generally fell to the lot of a knight-errant of yore, who seldom had

any thing but giants, enchanters, fiery dragons, and such like easily-conquered adversaries, to contend with; and had to make his way merely through gates of iron and brass, and walls of adamant, to the castle keep, where the lady of his heart was confined; all which he achieved as easily as a man would carve his way to the centre of a Christmas pie; and then the lady gave him her hand as a matter of course. Ichabod, on the contrary, had to win his way to the heart of a *country coquette*, beset with a labyrinth of *whims and caprices*, which were for ever presenting new difficulties and impediments; and he had to encounter a host of fearful adversaries of real flesh and blood, the numerous rustic admirers, who beset every portal to her heart; keeping a watchful and angry eye upon each other, but ready to fly out in the common cause against any new competitor (IRVING, 1979, p.21-22, grifo nosso).

As regiões de deleite a qual o narrador se refere não apontam para porções do corpo da moça, e sim indicam as sedutoras propriedades (posses) da família. Entretanto, deixando as reais (ou pelo menos primárias) intenções de Ichabod de lado, e voltando as descrições femininas de Irving, este, enquanto narrador, oferece o adjetivo *coquette* para descrever Katrina, palavras que pode ser interpretada para além de seu significado de uma mulher atraente, atrelando em si as características de garrida e pretensiosa. A ideia de Katrina ser uma menina mimada perpassa a descrição de seu pai, Baltus, que segundo o narrador, a deixava fazer tudo o que quisesse do jeito que quisesse, pois: “He [Baltus] loved his daughter better even than his pipe, and, like a reasonable man and an excellent father, let her have her way in every thing” (p.23). Katrina não era de todo dependente, especialmente ao olhar de sua mãe, quem: “sagely observed [that] ducks and geese are foolish things, and must be looked after, but girls can take care of themselves” (p. 23).

Sua esposa, a Sra. Van Tassel, mãe de Katrina, é essencialmente descrita com uma mulher trabalhadora, cheia de afazeres e que ocupa uma posição de poder: “his [Baltus’s] notable little wife, too, had enough to do to attend to her housekeeping and manage her poultry” (p.23). Este tipo de descrição não deveria ser confundido como (mais) uma maneira subliminar de atribuir a soma dos trabalhos domésticos à mulher e, desta maneira, ajudar a perpetuar a concepção de papel feminino como eterna dona-de-casa, sem vontades próprias e sem personalidade a não ser a de servir a casa e a família. Mesmo que Irving acreditasse nisto – o que não só é possível como provável dada sua (inevitável) inserção em sua cultura e seu tempo – culpá-lo por pensar assim e recriminá-lo por sua descrição de uma mulher enquanto dona-de-casa é potencialmente um exagero, pois “tentar determinar o que Irving sinceramente queria dizer é falhar na leitura de sua obra. A totalidade da autoridade narrativa apenas retorna a Irving no momento em que sua voz se torna indistinguível da performance inteira da estória” (DOWNES, 2002, p.154).

Considerações finais

Levando em consideração uma série de descrições, diretas ou indiretas, de personagens femininos na obras de Irving, torna-se difícil argumentar contra o fato de não haver posicionamentos misóginos em seus textos, pois eles certamente existem. Em *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça*, Irving aparentemente reserva sua misoginia a descrições indiretas de mulheres, *vis-à-vis*, as esposas/donas-de-casa residentes em *Sleepy Hollow*. Uma destas sutis instâncias se dá na história da nomeação informal da cidadezinha, relatada pelo narrador da seguinte maneira:

(...) there lies a small market-town or rural port, which by some is called Greensburgh, but which is more generally and properly known by the name of *Tarry Town*. This name was given, we are told, in former days, by the good housewives of the adjacent country, from the inveterate propensity of their husbands to linger about the village tavern on market days (IRVING, 1979, p.11, grifo nosso).

Irving abusa de supostas contradições para tecer suas caracterizações. O autor chama as esposas de *good housewives*, um termo que, independentemente de ser uma força de expressão ou uma expressão fixa, carrega uma carga semântica positiva. Ao mesmo tempo, porém de maneira muito mais sutil e tangencial, Irving explica que o nome informal de *Tarry Town* foi dado pelas esposas devido a propensão inveterada de seus maridos de *tardarem* – daí a etimologia – a voltar para a casa em dias de trabalho, ou seja, a atribuição do nome se deu por intermédio de uma *reclamação*, e reclamações serão revisitadas em outros momentos da narrativa assim como em outros textos do mesmo autor como sendo uma das características que define a mulher, a *resmungona*:

A stately squadron of snowy geese were riding in an adjoining pond, convoying whole fleets of ducks; regiments of turkeys were gobbling through the farmyard, and guinea fowls fretting about it, like *ill-tempered housewives*, with their *peevish discontented cry*. (IRVING, 1979, p.20, grifo nosso).

Por vezes o leitor se quer é informado da substância da eloquência feminina, porque não é *o que* a mulher fala que Irving quer que o leitor saiba e sim *o quanto* (DOWNES, 2002). Outra contradição se daria de maneira totalmente dependente da intenção do leitor ao realizar sua exegese, pois atribuir à mulheres o conhecimento e a prática de serviços domésticos pode ser interpretado tanto como um elogio ao seu talento como um insulto a sua capacidade de ação em diversas áreas:

Not those of the bevy of buxom lasses, with their luxurious display of red and white; but the ample charms of a genuine Dutch country tea-table, in the sumptuous time of autumn. Such heaped-up platters of cakes of various and almost indescribable kinds, known only to experienced Dutch housewives! (IRVING, 1979, p.29).

Como visto, descrições de reclamações, de tarefas, de esposas e até de gansas estão certamente carregadas de tons machistas e androcentristas. Katrina e sua mãe, no entanto, mesmo que muitas vezes descritas sob uma luz não muito lisonjeira, não são destratadas e injuriadas de maneira tal a legitimizar a acusação de que seu criador é um escritor com intenção misógina para com elas. Algumas das descrições exploradas simplesmente não carregam cargas semânticas positivas ou negativas, mas tratam-se de nada além de asserções fatuais sobre o contexto fictício da construção dos personagens e de seu ambiente e, principalmente, não são nas descrições de Katrina e da Sra. Van Tassel que o autor demonstra suas tendências misoginistas. Outras obras, da mesma época assim como de outros momentos históricos certamente trazem personagens femininos que são traçados de maneira pouco favorável e vilipendiados depreciativamente e, nem por isso, são acusados de serem contra as mulheres. Além disso, a mistura entre sutilezas e ambiguidades, entre verdades e mentiras, entre enganos e suspeitas, gera possíveis confusões e desentendimentos nas interpretações de leitores, proficientes ou não, independentemente de suas épocas ou lugares de origem. São estes mesmos desentendimentos e ambiguidades que formam a beleza e dão a magia a este texto e a outros como ele, e que fazem de *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça* um clássico atemporal.

Referências

DOWNES, Paul. *Democracy, revolution, and monarchism in early American literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEDGES, William L. *Washington Irving: An American Study, 1802-1832*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins Press, 1965.

IRVING, Washington. The Legend of Sleepy Hollow. In: COCHRANE, James (ed.). *The Penguin Book of American Short Stories*. Harmondsworth: Penguin Books, 1979.

ROGERS, Katharine M. *The Troublesome Helpmate: A History of Misogyny in Literature*. Seattle, WA: University of Washington Press, 1968.

TRAISTER, Bryce. The Wandering Bachelor: Irving, Masculinity and Authorship. *American Literature*, Vol. 74, No. 1, março/2002.

WARNER, Charles Dudley. *Washington Irving*. Whitefish, MA: Kessinger Publishing, 2004.

WEINSTEIN, Arnold. Lecture 03 (audio). Washington Irving – The First American Storyteller . Classics of American Literature. *The Teaching Company*, 1997. Disponível em: <http://www.thegreatcourses.com/tgc/courses/course_detail.aspx?cid=250>. Acesso em: 4 jul 2010.